

Amor e verdade: outros possíveis

Love and Truth: others possibilities

**Monique Navarro Souza, Édio Raniere da Silva,
Kelin Valeirão**

Resumo

Este ensaio questiona a noção de amor ideal presente no discurso platônico e sua relação com a verdade, posto que esta vem sendo instituída historicamente como um discurso superior. Dessa forma, faz-se uma revisão acerca da temática em três movimentos intitulados: “Amor ideal: contexto e problematizações”, “Problematizações sobre verdades” e “Amor e outros possíveis”. Partindo desse trajeto, objetiva-se tensionar essas noções absolutas e pensar o amor sob outras paisagens, para além do sistema platônico. Assim, criam-se outras possibilidades para afirmar a vida e experienciar os encontros. Dizendo de outro modo, acredita-se que, ao produzir aberturas desprendidas de concepções ideais e valores superiores, fortalece-se certa potência de vida.

Palavras-chave

amor ideal, verdade, outras possibilidades.

Abstract

This essay questions the notion of ideal love present in the Platonic discourse and its relation to truth, since it has been historically instituted as a superior discourse. Thus, a review on the theme is made in three movements entitled: "Ideal love: context and problematizations", "Problematizations about truths" and "Love and others possibles". Starting from this path, it aims to tension these absolute notions and think of love under other landscapes, beyond the Platonic system. This creates other possibilities for affirming life and experiencing encounters. Put differently, it is believed that by producing openings detached from ideal conceptions, a certain potency of life is strengthened.

Keywords

ideal love, truth, other possibilities.

**Monique Navarro
Souza**

**Universidade Federal de
Pelotas**

Estudante de Psicologia.

moniquenavarro0410
@gmail.com

Édio Raniere da Silva

**Universidade Federal de
Pelotas**

Professor Doutor no curso de
Filosofia da UFPel.

edioraniere@gmail.com

Kelin Valeirão

**Universidade Federal de
Pelotas**

Professora Doutora no curso de
Filosofia da UFPel.

kpaliosa@hotmail.com .

Neste ensaio, questionaremos a noção de amor ideal presente no discurso platônico e sua relação com a verdade, instituída como um discurso superior. Na tentativa do ensaio como método, busca-se entender como, através de discursos e práticas, se constituem esses campos que produzem e reproduzem sentidos prontos sobre experiências ocidentais: a verdade e o amor ideal. Para nos auxiliar a pensar outras possibilidades de amor, produziremos paisagens onde realizaremos questionamentos sobre a verdade, pois esta se encontra no eixo, no centro de práticas e discursos, que por sua vez nos produzem a partir dessa relação.

A partir dessa problemática, realizaremos três movimentos explanatórios. No primeiro momento, em “Amor ideal: contexto e problematizações”, nos dirigimos para o entendimento da noção de amor instituída como verdadeira por Platão (2011) e o contexto em que ela emerge, realizando uma problematização. Esse movimento nos abre a paisagem para o segundo, “Problematizações sobre verdades”, onde daremos continuidade à discussão a partir do tensionamento da noção de verdade. Nossa intenção é provocar brechas, destituindo-a das alturas, possibilitando pensar outras formas de relações com o mundo que sejam desprendidas de verdades absolutas.

Os desdobramentos iniciais acontecem para que possamos nos encaminhar ao cenário final. Em “Amor e outros possíveis”, a partir do trajeto realizado, é exposta a tentativa de produzir aberturas para pensarmos e criarmos outras possibilidades de existência. Dizendo de outro modo, pensar o amor sob outras paisagens, a partir de experiências que não sejam fixadas em discursos ideais e verdades absolutas, permitindo a fluidez, a leveza dos afetos e dos encontros. Assim sendo, acreditamos ser possível promover aberturas questionando essas noções e produzindo condições de possibilidades para experimentar o amor de outras maneiras, que não sejam baseadas em concepções ideais.

Amor ideal: contexto e problematizações

O filósofo grego Platão (2011) em seu livro *O Banquete*, propõe-se a percorrer a temática do amor. A partir do diálogo dos personagens postos nessa obra, acontecem as exposições das concepções sobre o amor. Cada participante manifesta aquilo que pensa sobre o amor, suas particularidades e suas implicações na vida dos indivíduos. Isso acontece, no contexto da obra, para apresentar as principais concepções filosóficas de Platão. Os convidados salientam os diversos sentidos do amor e como ele se faz presente tanto nas práticas afetivas entre os amantes, como também na prática da filosofia, no exercício de uma profissão, entre outras.

Sócrates, personagem a quem Platão (2011) dá maior destaque, afirma que o amor está intimamente relacionado ao desejo; para ele, o amor consiste na inclinação resultante de um desejo. Sendo assim, o amor exige que, quando se ama algo, exista o desejo por determinado imaginário suposto no objeto amoroso. Portanto, o amor sempre se direciona com algum objeto. Entretanto, como enfatiza esse personagem, este objeto do amor só pode ser desejado quando existe uma falta e não se quando possui.

O amor, nesse sentido, é falta, pois ninguém deseja aquilo de que não precisa mais ou que já tenha. Sócrates, na sua fala, declara que o que se ama é unicamente aquilo que não se tem. O objeto do amor está ausente, mas é solicitado. Sócrates menciona a verdade como exemplo. Para ele, o desejo pela verdade, que é o objeto da filosofia, aponta que ela se mostra como uma falta e que, portanto, deve ser sempre buscada. Mas, por sua natureza engenhosa, a verdade é algo que está sempre mais distante, sempre acreditamos tê-la alcançado, ela nos escorre entre os dedos (PLATÃO, 2011).

1

Em Platão as noções de Bem e Mal estão diretamente ligadas à moral e tem metafisicamente um sentido fundamental, já que servem de base para todo o sistema de valores sociais. O bem e mal são entendidas como formas absolutas e universais desde Sócrates e Platão [...]. Nesse caso, têm um sentido metafísico. O Bem em Platão - diz ele - é o sol que ilumina o mundo (SCHOPKE, 2010). Ou seja, o Bem, para o filósofo, representa o sentido mais elevado da existência humana.

O amor em Platão está relacionado a uma tendência natural em se atingir uma perfeição ética pela busca e encontro do Bem. É o amor que encaminha os indivíduos a modos de vida e de consciência mais evoluídos. Desse modo, toda ação humana tem como o objetivo final alcançar o Bem. O amor, em sua compreensão mais elevada, consiste na inclinação em chegar ao Bem, sendo este um dos sentidos para o amor nesse filósofo. Entretanto, podemos perguntar: o sentido do amor como ausência, que nos direciona na busca pelo caminho para o Bem é o sentido que possui nos dias atuais? Há outros discursos possíveis sobre o amor ou o seu sentido é unívoco?

O amor em Platão só pode ser compreendido se levada em consideração suas concepções filosóficas e o terreno histórico no qual elas emergiram, se desenvolveram e se tornaram possíveis. Para nos aproximarmos da compreensão dessa noção que se institui como modelo para experiência amorosa, partiremos de uma abertura proposta por Foucault (2012) em sua obra *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*. Nela, é realizada uma análise das questões relacionadas ao modo como os indivíduos se constituem como sujeito de desejo e de prazer na Grécia antiga. O autor parte do termo sexualidade para analisar o contexto teórico e prático ao qual ela é associada. Desta forma, verifica que o uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos, possibilitando e desenvolvendo campos de conhecimentos diversos.

A instauração de um conjunto de regras, normas, instituições e as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, prazeres, sentimentos e sensações vão constituindo modos de subjetivação, e é essa dinâmica da relação consigo e com o outro que acaba sendo objeto de reflexão para os gregos. Dizendo de outro modo, não seria propriamente o ato, mas sim esse conjunto, essa dinâmica do desejo que seria levada à ação, e essa ação, por sua vez, estariam ligados ao prazer, onde finalmente seria possível considerar que o prazer ocasionaria o desejo. Assim, trata-se de analisar a formação e o desenvolvimento das práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção em si e a se reconhecer enquanto um sujeito de desejo, constituindo uma experiência da sexualidade.

Na Grécia Antiga, a atividade sexual era entendida como parte da natureza humana, ou seja, não poderia ser considerada má. Os prazeres, nessa perspectiva, são problematizados moralmente, justamente por serem consideradas “naturalmente” necessárias, pois é por meio deles que os seres vivos podem se reproduzir e perpetuar a espécie; todavia, ao passo que é inteiramente dependente do corpo e comum a todos os animais, é considerado inferior. A impetuosidade que também lhe é própria leva a atitude sexual a transbordar, na sua atuação com o desejo. Sendo assim, ela pede uma delimitação: em que medida e até que ponto é cabível praticar a atividade sexual?

A resolução dada por Platão (2011) seria de que é preciso discriminar moralmente tal atividade, impondo freios: o temor, a lei e o discurso verdadeiro. Ou seja, se no pensamento grego clássico o prazer constituía demasiada força natural, para Platão seria necessário o enfrentamento de tais forças através da moral, a fim de dominá-las e garantir sua adequada economia, para que assim seja possível viver belamente. Esse enunciado nos posiciona diante de uma problemática ética: a preocupação grega de como conduzir-se. Para Platão, a ética e o amor constituem uma relação intrínseca.

Nessa perspectiva, a relação entre rapazes é vista como algo arrebatador e comum entre os corpos. Também por isso, os gregos procuravam exercer essas práticas de forma que elaborassem condutas dignas e que não desonrassem suas famílias, a polis, entre outros. Percebe-se aí a constituição de uma subjetividade que passa a questionar o uso dos prazeres e como conduzir-se na relação com o ser amado. Uma preocupação

com a honra devido aos vexames dos mais velhos pelos rapazes e vice-versa; portanto, uma forma de modificar esse modo de relacionar-se com o outro a partir de um cuidado de si. Emergem cuidados de si, noções que se baseiam em critérios que negam o corpo a partir da abstenção, como um tipo de demonstração de domínio próprio. Acontece, portanto, uma inversão da situação: da dominação estabelecida pelos rapazes através da provocação aos corpos decadentes que os leva ao excesso e ao arrebatamento, por um domínio de si, a partir da abstenção dos prazeres do corpo, da negação e redirecionamento do desejo. Assim sendo, os homens devem estar preparados para serem os senhores de seus prazeres. Aquele que sabe o que quer e que se porta de maneira honrosa na relação com o outro, demonstrando o prazer que exerce sobre si, de acordo com a moral do cuidado de si.

O discurso Platônico, a partir das problematizações da conduta, surge com o intuito de alcançar algo que era entendido como um pressuposto existente para o filósofo: a verdade; para se chegar nela seria preciso conquistar uma conduta purificada. E é essa relação com a verdade que irá estruturar o discurso do filósofo. Não é na conduta, mas na natureza ou verdade do desejo que está o verdadeiro problema e a verdadeira prova de sabedoria e liberdade. Ou seja, o que nos diz o discurso platônico é que a condição de acesso à verdade será demarcada pela natureza do amor que o indivíduo conquista em sua ascese purificadora e nas práticas de domínio de si que o constituem como sujeito moral. Assim, a relação entre o mundo dos corpos e o mundo dos ideais será possível através do verdadeiro amor, o amor pela verdade. Da mesma forma, o verdadeiro amor é um grande desejo de imortalidade, de eternidade e do além.

Podemos pensar uma crítica com Fuganti (2008), para quem essas normativas criam um novo desejo naquele contexto: o amor verdadeiro que pertence ao homem purificado e liberto dos prazeres corporais; o desejo de ser um homem virtuoso, aquele que purifica sua alma e liga seu desejo às ideias permanentes. Antes do discurso platônico, a preocupação dos gregos consistia em como conduzir-se diante das paixões arrebatadoras. Com o surgimento dessa narrativa, a reflexão fora direcionada para uma busca do ser do amor, definindo-se o verdadeiro amor e o verdadeiro amante. É o discurso purificado que irá impulsionar esse pensamento acerca do amor, bem como aquele que inaugura o sujeito do conhecimento e, com o pensamento rigoroso teríamos acesso à dita verdade universal. Dizendo de outro modo, a verdade não pertence mais a um tempo particular como na Grécia Antiga, mas está fora, transcende à dimensão temporal para entrar no domínio do imperecível.

Consideramos importante essa reflexão acerca da verdade justamente por possibilitar pensar outros modos de relações; para promover aberturas, outras novas formas de amor e subjetivações, que não se baseiem no binarismo verdadeiro/falso e substância/aparência. Para chegarmos nessa paisagem, precisamos antes passar pela verdade, tencionar o conceito para que surjam outras condições possíveis.

Problematizações sobre verdades

As verdades não são fixas e estáveis, mas são como algo que se encontra na raiz de certos tipos de discursos, fazendo com que passem por verdadeiros e legítimos, atuando como obrigações que produzem formas de viver. Segundo Foucault (2016) as verdades atuam como vínculos que terão de permanecer durante a vida. Ou seja, discursos instituídos como verdadeiros conduziram e conduzem nossas experiências, inclusive as amorosas. É interessante saber como se constituem as experiências de si e dos outros a partir desse vínculo e dessa obrigação. Partindo disso,

2

Nietzsche chama vontade de potência o elemento genealógico da força. Genealógico quer dizer diferencial e genético. É o elemento de produção de diferença de quantidade entre duas ou várias forças que se supõe em relação. Segundo a qualidade de suas forças elas são referidas como ativas ou reativas [...]. Existe vontade de potência nas forças reativas e nas ativas. (DELEUZE, 1976)

3

O Niilismo trata-se da ideia de que estamos imersos num grande nada, de que a vida não tem qualquer valor[...] Para Nietzsche o niilismo é a "doença humana" [...] uma espécie de "grande cansaço" que nasce da recusa da vida, do ódio e do medo da própria existência [...] mais profundamente, ele é reforçado por uma moral que tira do homem o "sentido da terra", da vida, que o faz refugiar-se em ilusões e em mentiras enfraquecedoras, que levam a julgar este mundo como algo ilusório, passageiro, sem valor. (SCHOPKE, 2010); e seu triunfo demonstra-se em ideais, absolutismos, entre outras expressões que são instituídas como verdade única.

podemos nos questionar como nos constituímos em relação a essas verdades e como experienciamos o amor a partir desses vínculos.

No que diz respeito à verdade, pensamos junto com uma crítica de Machado (2002) ao dizer que a criação de uma verdade é uma expressão da vontade de potência; uma expressão niilista, pois parte de uma desvalorização da vida que repousa em ideais e em discursos universais sobre a experiência humana. Essa vontade, colocando a verdade como instância suprema, produz um ideal de vida verdadeiro baseado na oposição verdade/aparência, negando o mundo em que vivemos e criando um mundo ideal, ou seja, viveríamos em um mundo sem valor, sendo preciso alcançar o valor verdadeiro através de valores supremos. Assim sendo, acontece uma desvalorização da vida, pois o ideal empobrece o real.

Fuganti (2008) nos ensina, a partir de estudos de Nietzsche (2014) que valores ideais absolutos e legitimados como verdadeiros, ainda são os valores da lógica que vivemos atualmente. Esses valores reativos podem ser percebidos no positivismo, que seria o refinamento da vontade de verdade. Essa lógica emerge no contexto da filosofia platônica e apesar de haver rupturas, também está interligada ao cristianismo. Só que, diferentemente do cristianismo, no ateísmo científico, segundo os autores, não se tem mais a crença em um deus, mas sim uma crença na verdade, que tem sua forma sublime no discurso do saber científico. Ou seja, a partir dessa lógica, os discursos se transformam, porém, a crença na busca por verdades plenas permanece.

Essa vontade de verdade estaria ligada a uma mera vontade de conservação da vida. Ao não criar outras formas de expressão, a verdade seria proveniente de um instinto de fraqueza, uma vontade negativa de potência, pois ela se baseia em juízos de valores que, por sua vez, ditam as condições de existência e de sensações à potência dos corpos. Essas são forças reativas por serem forças que engessam a vida, reduzem o movimento. Nessa paisagem, o niilismo surge com o ódio dos impotentes, contra o que é afirmativo e criativo; tem como função o alívio à existência daqueles que recusam a transformação das coisas.

Por conseguinte, em nome de um enigmático bem, na Grécia antiga é fundada a crença nas essências inteligíveis como valores supremos que existem separados do corpo sensível; também é criada uma hierarquia de sentidos apreendidos ao mesmo tempo como causas da ordem universal e paradigmas das condutas humanas, restituindo assim a ordem ideal. Esse valor que emerge pela invenção de uma ficção, pela condensação da crença num mundo ideal e perfeito, torna a vida uma ilusão desvalorizada, possibilitando o triunfo das forças reativas.

Esse triunfo da vontade de verdade se mostra como um fenômeno moral, porque a oposição à verdade, a aparência que ela institui significa a afirmação de uma “vida melhor”, de um “mundo verdadeiro” e a negação da vida no mundo em que vivemos; a criação de outro mundo expressa justamente o cansaço da vida, característico da moral. Dessa forma, em Nietzsche, como é a vontade de nada que caracteriza e dá sentido aos valores “superiores à vida”, os valores considerados superiores são negadores da vida.

A doutrina que rege esses mundos está posicionada diante de um platonismo, em que o mundo sensível e mutante é o mundo da aparência e o mundo supra-sensível e imutável, o verdadeiro, o caminho para o Bem. Contudo, Nietzsche (2014) ao pensar a vida atravessada por valores idealizados, propõe um projeto de transvalorização de todos os valores, de modo que, abre a criação de novos valores, valores da vida, que possibilitem outras experiências com o mundo. Esse projeto significa a mudança do princípio de avaliação, assim, seja possível o êxito da vontade afirmativa de potência, da fatura de vida sobre os valores dominantes do niilismo.

4

Vontade de nada ou Niilismo é a expressão reativa da vontade de potência (DELEUZE, 1976). Essas formas de expressão são capazes de paralisar o devir, ou seja, conservam e negam o movimento e fluidez da vida.

A vida é para mim, instinto de crescimento, de duração, de acúmulo de forças, de potência: onde falta vontade de potência há declínio. E eu afirmo que esta vontade faz falta a todos os valores superiores da humanidade- é que sob os nomes mais santos, reinam sem restrição valores de decadência, valores niilistas (NIETZSCHE apud MACHADO, 2002, p.89).

Nietzsche (2014) afirma a vida como superação da dicotomia essência/aparência, verdade/mentira, já que não existiriam oposições, mas sim graus de sutis transições. Ou seja, esse pensamento propõe substituir a teoria do conhecimento pela teoria dos instintos chamada de *Fisiologia da Potência*, que tem como objeto principal os instintos e os impulsos. Essa é uma estratégia contra as definições do homem pela razão e consciência. O mesmo autor, substitui a “única realidade ideal”, pela aparência e considera essa a realidade como a que expressa a vontade de potência; que se opõe à noção universal de um mundo verdadeiro.

Deste modo, afirmar que a vida acontece na superfície dos encontros é questionar determinados julgamentos da vida, que se alicerçam em um critério de verdade transcendental. Sendo assim, saindo da atenção dada à dicotomia entre verdade e mentira, norteadas por princípios platônicos, tornam-se possíveis outros olhares sobre as errâncias por meio dos corpos e os diversos graus de diferença que acontecem entre eles.

Essa posição crítica ao idealismo platônico nos encaminha para uma paisagem fora destes enunciados, com a qual a partir de um mundo onde não se tenha a verdade como o imperativo, abrem-se outros possíveis para a compreensão da experiência amorosa, a se basear na potência e a afirmação da vida.

Amor e outros possíveis

Posto isso, como pensar em modos de relações consigo e com o outro que não sejam baseadas em verdades universais? É possível conceber o amor não baseado em uma concepção Ideal? Quando Fuganti (2008) pensa as possibilidades de vida para além do platonismo, coloca a grande saúde enquanto aliança do corpo e do pensamento como um modo possível, pois estabelece uma relação recíproca duplamente positiva. Por um lado, a vida ativando o pensamento, por outro, o pensamento afirmando a vida.

Dessa maneira, ao contrário de acusar, negar ou reprimir a vida, o pensamento a potencializa. Pois se o corpo padece, o pensamento padece junto, e vice-versa. Pensar então não significa contemplar as ideias, mas pensar elementos que produzam sentidos. Para isso, é preciso se opor a noções engessadas; tudo emerge e acontece segundo a diversidade das perspectivas e a mutação dos referenciais. Esse pensamento privilegia as relações, destituindo as formas fixas. Portanto, pensar o corpo como um germe que quer expandir-se, como uma potência que quer agir nos limiares, ultrapassando os limites colocados pelas palavras, inventando novas multiplicidades, novas maneiras de ser numa superfície em devir.

Essa expansão e diminuição da potência afirmativa atuam nos corpos e na sua composição com os encontros e, portanto, caberia ao pensamento ético administrar os afetos com os outros corpos; na medida em que o encontro for alegre a potência irá se expandir e se fortalecer; do contrário, será um encontro que enfraquecerá. Torna-se necessário, portanto, pensar a superfície enquanto esse espaço tecido pelas relações e povoado pelos acontecimentos, pelo o que está por vir, via incessante de inusitados. Pensar, problematizar as relações afetivas, ou o modo de ser dos afetos e selecionar a forma que o efetua com maior êxito, que o conduz mais longe, ao máximo de sua potência de expansão, eis a potência inventiva que pode surgir no verbo amar.

Ao pensar a potência seletiva, Fuganti (2008) enfatiza que a capacidade de selecionar os encontros que nos fortalecem e de evitar os que nos enfraquecem constitui uma verdadeira economia de energia, de desejo, comandada pelo pensamento afirmativo. Desse modo, um corpo não deveria imitar um modelo, mas fazer o que pode e o que o torna alegre, aquilo que aumenta a sua capacidade de agir e pensar e, para o autor em questão, essa forma de agir constituiria uma ética do desejo, e por consequência, do amar.

Em que medida essa seleção de encontro fortalece ou enfraquece a potência? O critério de seleção posto por Nietzsche (2014) propõe que ao querer um acontecimento, queira-o de modo a desejar que ele se repita infinitas vezes, queira o seu eterno retorno.

Da mesma forma, em Espinosa (2013) não existem bem ou mal, no sentido moral, mas bom e mau. Bom e mau, em um primeiro sentido, como aquilo que convém ou não a nós. E em um segundo sentido, subjetivo e modal, qualificando dois modos de existência do homem: “seria dito bom (o livre, ou razoável, ou forte) aquele que se esforça, tanto quanto pode, por organizar os encontros” (DELEUZE, 2002); no sentido de somar-se ao que convém, por compor-se em relação a outras relações combináveis e, por esse meio, aumentar sua potência. O autor completa descrevendo o mau encontro: “Dir-se-á mau, ou fraco, aquele que vive ao acaso dos encontros, que se contenta em sofrer as consequências, pronto a gemer e a acusar toda vez que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela a sua própria impotência” (DELEUZE, 2002, p. 29).

Para Deleuze (2002) a moral se mostra como um sistema de julgamento de Deus; mas a ética, nesse sentido, desarticula esse sistema. “A oposição dos valores (bem/mal) é substituída pela diferença qualitativa dos modos de existência (bom/mau).” Esse grau de potência ao qual o autor se refere, corresponde certo poder de ser afetado e de afetar.

Dessa maneira, pautados em uma ética dos encontros, torna-se possível inventar outras formas de conceber o pensamento relacionado com o corpo; habitar o agora dos acontecimentos, estar atento aos encontros, administrar os afetos, para que seja possível conduzir de maneira potente as relações que estabelecemos com os outros corpos. Sendo assim, como nos ensina Fuganti (2008) “A realidade é produção desejante e não acomodação resignante”; não somos iguais e, por isso, cabe a nós afirmar as nossas diferenças e as de tudo o que nos cerca ou nos afeta.

Em vista disso, considera-se importante ultrapassar concepções identitárias e combater o humano produzido por pretensões ideais; exercitar o corpo e o pensamento para conhecer cada vez mais o que podemos superar e o que ainda não podemos. Para assim, aumentar a potência do agir que intensifica a vida, libertando-se dos valores estabelecidos como superiores a ela. Desta maneira, mobilizam-se outros modos de criações de aberturas para pensar e sentir o amor e as relações amorosas. A partir dessa proposta, podemos inventar outros possíveis no circuito amoroso, simulacros que falseiam a verdade instituída para afirmarem a inventividade e a errância do amar.

Sobre o artigo

Recebido: 21/10/2018

Aceito: 23/11/2018

Referências bibliográficas

- DELEUZE, Gilles. **Diferencia y repetición**. Buenos Aires: Amorrortu, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.
- FUGANTI, Luis. A. **Saúde, desejo e pensamento**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- PLATÃO. **O Banquete**. Belém: Editora UFPA, 2011.
- SHOPKE, Regina. **Dicionário filosófico: conceitos fundamentais**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SPINOZA, Benedictus de. **ÉTICA/SPINOZA**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.